

CATÁSTROFE OU REVIRAVOLTA PULSIONAL? ANÁLISE CRÍTICA DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE ‘UMSTURZ’ EM FREUD

*CATASTROPHE OR DRIVE'S OVERTHROW?
CRITICAL ANALYSIS OF THE TRANSLATION AND
INTERPRETATION OF 'UMSTURZ' IN FREUD*

*¿CATÁSTROFE O ÍMPETU SUBVIRTIENTE?
ANÁLISIS CRÍTICO DE LA TRADUCCIÓN E
INTERPRETACIÓN DE 'UMSTURZ' EN FREUD*

Giovanna Cercasin e Nogueira ⁽¹⁾

Rosane Zétola Lustoza ⁽²⁾

RESUMO

Este artigo propõe uma análise crítica da tradução e interpretação do termo “Umsturz” no texto Sobre a sexualidade feminina (1931) de Freud, e questiona o entendimento predominante na tradição brasileira de que o autor teria identificado uma “catástrofe” na relação mãe-filha. A partir de uma revisão da literatura freudiana e da análise de dissertações e teses que sugerem que, com esse termo, Freud teria antecipado a noção lacaniana e pós-lacaniana de devastação feminina, buscamos desenvolver uma hipótese alternativa sobre o uso de “Umsturz” no contexto da feminilidade. Os resultados indicam que “Umsturz” designa uma “reviravolta” ou “derrubada” das pulsões, referindo-se às viragens decisivas entre passividade e atividade na sexualidade feminina, sem qualquer conotação catastrófica. Consideramos que é ao explorar a “voracidade da libido infantil” e seu retorno contra o eu que Freud oferece contribuições significativas para o entendimento da devastação. Assim, entendemos que este estudo pode abrir novos debates sobre os fenômenos clínicos relacionados à relação mãe-filha, o tornar-se mulher e os destinos

⁽¹⁾ Psicanalista. Especialista em Saúde pelo Complexo Hospital de Clínicas da UFPR, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.
<https://orcid.org/0009-0000-4423-1626> — email: giovanna.cercasin@gmail.com

⁽²⁾ Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-5299-4316> — email: rosanezetola@gmail.com

da feminilidade. Sugerimos que a ideia de “catástrofe” na relação mãe-filha deve ser reconsiderada, mantendo o debate aberto para futuras análises e interpretações.

Palavras-chave: psicanálise; Umsturz; catástrofe; devastação feminina; reviravolta pulsional.

ABSTRACT

This article proposes a critical analysis of the translation and interpretation of the term “Umsturz” in Freud’s text *Female sexuality* (1931), and challenges the prevailing understanding in the Brazilian tradition that the author identified a “catastrophe” in the mother-daughter relationship. Based on a review of Freudian literature and an analysis of dissertations and theses that suggest that with this term Freud anticipated the Lacanian and post-Lacanian notion of feminine devastation, we seek to develop an alternative hypothesis about the use of “Umsturz” in the context of femininity. The results indicate that “Umsturz” designates a “turning point” or “overthrow” of drives, referring to decisive shifts between passivity and activity in female sexuality, without any catastrophic connotations. We argue that it is by exploring the “greed of a child’s libido” and its return against the ego that Freud offers significant contributions to understanding devastation. Thus, we consider that this study can open new debates about clinical phenomena related to the mother-daughter relationship, becoming-woman, and the destinies of femininity. We conclude that the idea of “catastrophe” in the mother-daughter relationship should be reconsidered, keeping the debate open for future analyses and interpretations.

Keywords: psychoanalysis; Umsturz; catastrophe; feminine devastation; overthrow of drives.

RESUMEN

Este artículo propone un análisis crítico de la traducción e interpretación del término “Umsturz” en el texto *Sobre la sexualidad femenina* (1931) de Freud, y pone en cuestión el planteo predominante en la tradición brasileña de que el autor habría identificado una “catástrofe” con respecto a la relación madre-hija. Apoyándose en la revisión de la literatura freudiana y de otros trabajos sobre el tema, los cuales sugieren que Freud habría anticipado a la noción lacaniana y poslacaniana de “estrage”, planteamos una hipótesis alternativa a su empleo en el contexto de lo femenino. De los resultados se desprende que “Umsturz” designa un “ímpetu subvirtiente” o “derrocamiento” de las pulsiones, refiriéndose

a los cambios decisivos entre pasividad y actividad en la sexualidad femenina, sin connotaciones catastróficas. Sostenemos que es mediante la indagación de la “voracidad de la libido infantil” y su retorno contra el yo que Freud ofrece contribuciones significativas a la comprensión del estrago. Por lo tanto, consideramos que este estudio podría abrir nuevos debates en torno a fenómenos clínicos vinculados con la relación madre-hija, el devenir-mujer y los destinos de la feminidad. Sugerimos que la noción de “catástrofe” en la relación madre-hija merece ser reconsiderada, manteniendo abierta la discusión para futuros análisis e interpretaciones.

Palabras clave: psicoanálisis; Umsturz; catástrofe; estrago femenino; ímpetu subvirtiente.

Introdução

O percurso de Freud sobre a sexualidade feminina foi particularmente sinuoso e cheio de relevos. A subjetivação do sexo sempre se apresentou como enigmática para ele, que destacou repetidamente a dificuldade e a incompletude de suas formulações. Para Iannini e Tavares (2018), as formulações freudianas embaralharam termos como masculinidade e feminilidade, fazendo vacilar seu sentido frente à radicalidade das interrogações postas por ele. Suas ideias enfrentaram forte oposição e seguem sendo desafiadas, seja por críticas diretas, seja por interpretações distorcidas.

Em nossa pesquisa, que versa especialmente sobre os impasses da constituição feminina em Freud, identificamos uma interpretação recorrente conforme a qual o termo freudiano *Umsturz* seria o predecessor da noção lacaniana de *devastação feminina*. O termo *Umsturz*, traduzido como “catástrofe” pela editora Imago (Freud, 1931/1996, p. 247), tem sido interpretado como se fosse uma elaboração sobre o caráter problemático da relação da menina com sua mãe. Argumentamos que essa leitura, ainda que disseminada na academia brasileira, distorce o pensamento freudiano. *Umsturz*, em alemão, aproxima-se mais de “reviravolta” – termo escolhido pela editora Autêntica (Freud, 1931/2018, p. 303) –, o que revela um sentido diverso da dramática “catástrofe”. Além disso, Freud emprega *Umsturz* para tratar das moções passivas da menina, que a *auxiliam* em seu caminho à feminilidade, sem que diga respeito à sua relação com a mãe.

Nosso objetivo é fundamentar uma hipótese alternativa à interpretação dominante do termo *Umsturz* na discussão freudiana sobre feminilidade. Para isso,

realizaremos uma leitura detida da passagem em que Freud emprega esse termo, explorando a reviravolta pulsional e as viragens entre passividade e atividade na sexualidade feminina. Em seguida, proporemos uma avaliação crítica de algumas leituras acadêmicas, para demonstrar que tais interpretações se baseiam na tradução problemática de *Umsturz* como catástrofe.

Não negamos a relevância clínica da devastação feminina, mas defendemos que *Umsturz* não é o fundamento freudiano para compreendê-la. Consideramos que Freud oferece bases para pensar a devastação por meio da *voracidade da libido infantil* e seu retorno contra o eu. Assim, esperamos enriquecer o debate sobre a relação mãe-filha e a constituição feminina, com o objetivo de ampliar a compreensão dos fenômenos clínicos associados ao tornar-se mulher.

Para tanto, buscamos trabalhos acadêmicos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando a palavra-chave “devastação feminina”. Dentre os 30 trabalhos encontrados, selecionamos 17 que vinculam a origem teórica da noção de devastação à suposta ideia freudiana de catástrofe. Argumentamos que essa interpretação se desvia do que Freud propôs e buscaremos evidenciar exemplos de como essas leituras se distanciam do entendimento do autor. Este estudo é derivado da dissertação de mestrado da autora Giovanna Cercasin e Nogueira (2024), defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a orientação da autora Rosane Zétola Lustoza.

O feminino como uma problemática na obra freudiana

Iniciaremos com um breve panorama sobre a questão da sexualidade feminina na obra freudiana. Freud observa que “a mulher inteira constitui um tabu” (Freud, 1918/2018, p. 162), causando repúdio tanto nos homens quanto nas mulheres, o que ele atribui às teorias sexuais infantis que associam a mulher à castração. Lembremos que o aparelho psíquico é uma “fábrica de teorias para dar conta do sexual” (Freud, 1908/2018, p. 114) e que, no início, as crianças conferem um pênis a todos, inclusive às mulheres. Frente ao encontro com a diferença sexual, as crianças reconhecem na mulher uma falta. Esse processo ocorre na fase fálica, quando o órgão fálico é supervalorizado como zona erógena e sua ausência representaria um grande prejuízo. Nessa fase, a dimensão especificamente feminina não está colocada: “há, na verdade, um masculino, mas nenhum feminino; a antítese aqui é entre o genital masculino ou castrado” (Freud, 1923/2018, p. 242).

Se a menina estava até então sob a égide da premissa universal do pênis, o encontro traumático com a diferença sexual produzirá alterações de grande porte. Nesse tortuoso caminho, a menina deverá subjetivar o seu sexo, o qual ela mesma considera como digno de horror e repúdio. A partir desse corte, a menina se verá compelida tanto a uma mudança de objeto de amor (o afastamento da mãe em direção ao pai) quanto a uma mudança de sexo (oposição à masturbação fállica/clitoriana e erogenização da vagina). Partindo da hipótese de uma relação conflituosa da menina com o próprio sexo, Freud (1933/2018) destaca três principais destinos para a mulher: o apego a uma identificação viril, que a levaria a um *complexo de masculinidade*; a *inibição* de toda atividade sexual fállica; ou, ainda, o que ele consideraria uma *feminilidade normal*.

Lacan aprofunda a questão ao definir o falo como um significante. Enquanto o falo fornece um ponto de referência para a identidade masculina, a sexualidade feminina confronta-se com uma lacuna simbólica. Afinal, como já apontava Freud, o falo se contrapõe ao castrado, ao passo que o sexo feminino permanece sem uma representação significativa (Lacan, 1955-1956/1988, p. 206-207). A falta de pênis levaria a menina a sentir-se privada de uma característica central para sua identidade sexual, fazendo-a buscar na mãe uma identidade feminina. No entanto, essa identificação é paradoxal, pois ser mãe não equivale a ser mulher e “a identificação à mãe é fundamentalmente ambivalente, já que a mãe é também privada de pênis, e portanto essencialmente desvalorizada para a filha” (André, 1998, p. 177).

Embora Lacan ressalte que feminilidade não coincide com maternidade (Lacan, 1958/1998), para Freud a identificação com a mãe e a maternidade seriam o destino feminino ideal. No complexo de castração, a menina deveria reconhecer sua falta e se direcionar ao pai, assumindo uma posição propriamente feminina ao buscá-lo como o detentor daquilo que a mãe lhe negou. Ela abandonaria o desejo pelo pênis substituindo-o pelo desejo por um filho, conforme a “equação simbólica pré-determinada pênis=criança” (Freud, 1925/2018, p. 268). Freud, contudo, admite que a separação da menina com a mãe é problemática e não completamente superada pela substituição pelo pai. Persiste, portanto, um resto não tratado pelo complexo de Édipo feminino, cujo espectro retorna na forma de impasses e conflitos que marcam as parcerias amorosas da mulher.

Esse resto foi posteriormente desenvolvido por Lacan como índice de uma devastação na relação da mulher com a mãe. Nesse sentido, entendemos que Lacan deu continuidade e ofereceu contribuições originais a uma pesquisa que foi iniciada por Freud. Nossa questão aqui é saber, contudo, se a elaboração sobre

a devastação já estava presente em Freud sob a forma da afirmação de uma catástrofe na relação mãe-filha. A seguir, analisaremos o parágrafo-chave em que Freud desenvolve a questão a partir dessas tensões e no qual reconhecemos um problema importante de tradução e interpretação.

Catástrofe ou reviravolta pulsional?

É precisamente no parágrafo que Freud aborda o afastamento da menina em relação à mãe que ocorreu a confusão provocada por questões de tradução e interpretação. Reproduzi-lo-emos na íntegra para analisá-lo com atenção. Optamos pela versão da Autêntica, pois a consideramos mais fiel à escrita de Freud:

O afastamento em relação à mãe é um passo altamente importante no desenvolvimento da menininha; ele é mais do que uma mera mudança de objeto. Já descrevemos sua origem e a acumulação de suas supostas motivações, e agora vamos acrescentar que, de mãos dadas com ele, podem ser observados um forte rebaixamento das moções sexuais ativas e uma ascensão das passivas. Certamente os anseios ativos foram mais fortemente atingidos pelo impedimento [*Versagung*], demonstram ser completamente inviáveis e por isso também são mais facilmente abandonados pela libido, mas também do lado dos anseios passivos não faltaram decepções. Com o afastamento em relação à mãe, também cessa a masturbação clitoriana e, bastante frequentemente, com o recalçamento da masculinidade pregressa da menininha, uma boa parte do seu anseio sexual fica permanentemente danificado. A passagem ao pai como objeto é realizada com o auxílio dos anseios passivos, na medida em que estes escaparam à reviravolta [*Umsturz*]. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora livre para a menina, desde que não seja limitado pelos restos da superada ligação pré-edípica à mãe. (Freud, 1931/2018, p. 303)

No início da citação, lemos que o afastamento da mãe é decisivo no percurso de tornar-se mulher. Os motivos para isso são vários e não exclusivos da menina, pois toda criança precisa enfrentá-los. Poderíamos resumi-los

num só: a impossibilidade de a mãe satisfazer a voracidade da libido infantil. Frustrada por não ser plenamente satisfeita, a criança hostiliza a mãe, que lhe parece caprichosa em não atendê-la integralmente. Embora essa satisfação seja impossível, a ótica infantil a considera culpada de tudo. O menino tende a direcionar essa hostilidade para o pai, preservando o amor terno à mãe, enquanto a relação mãe-filha permanece altamente ambivalente, aspecto fundamental do percurso feminino.

Essa hostilidade favorece a separação e desloca o objeto de amor para o pai. Concomitantemente, as moções ativas – que estão em seu auge na fase fálica – são rebaixadas em favor das tendências passivas. Esse movimento configura uma verdadeira cambalhota libidinal. Para seguir rumo à feminilidade, a menina deve permitir que as moções passivas prevaleçam.

Aos impulsos passivos também não faltam decepções. Um exemplo é a amamentação, que eventualmente é interrompida pela mãe. Contudo, Freud (1931/2018) observa que os anseios ativos são mais fortemente atingidos pelo impedimento, já que a castração inibe a atividade em todos os casos. Todavia, enquanto no menino a castração incide como mera ameaça, na menina é vivida como fato consumado (Freud, 1925/2018). Isto é, o golpe da castração incide com mais vigor sobre as moções ativas da menina, derrubando-as.

No caso feminino, o forte rebaixamento das moções ativas da libido pode levar ao fim da masturbação, expressão da moção fálica ativa. Esse processo pode comprometer grande parte do desejo sexual feminino, resultando num recalca-mento extenso da masculinidade pregressa da menina, fenômeno que aponta para o destino *inibição* da sexualidade feminina.

Freud conclui que: “A passagem ao pai como objeto é realizada com o auxílio dos anseios passivos, na medida em que estes escaparam à reviravolta [*Umsturz*]”. Em nossa leitura, a tradução “reviravolta”, da Autêntica, é mais fiel ao original do que a “catástrofe”, da Imago. Freud parece aludir a uma revolução social na qual derruba-se o governo vigente – aqui o falicismo ativo – deixando escapar as moções passivas. É uma reviravolta pulsional: da passividade primordial à revolta contra ela, da ascensão da atividade ao seu rebaixamento, até uma nova prevalência da passividade.

Satisfeita essa condição, o caminho para a feminilidade estaria aberto, caso “não seja limitado pelos restos da superada ligação pré-edípica à mãe”. Em *A feminilidade* (1933/2018), Freud esclarece que são os restos de sua pré-história masculina que dificultam o progresso da feminilidade. Lembramos que o pré-edípico é marcado tanto por satisfações passivas quanto ativas. Para

Freud, as fixações nas satisfações ativas (masculinas) experimentadas nesse vínculo inicial com a mãe dificultam o desenvolvimento da feminilidade, pois são as moções passivas que definiriam, segundo ele, a preferência libidinal feminina.

A associação do feminino à passividade e do masculino à atividade é alvo de debates. Reconhecemos sua relevância, mas não nos deteremos nela, pois nosso objetivo é verificar se Freud antecipou, em algumas décadas, a problemática da devastação. Importa notar que o próprio autor refinou seu entendimento, considerando simplista essa associação. Indicou que satisfações de meta passiva exigem alto grau de atividade e admitiu dificuldade em precisar o que conduz a libido a tais fins, deixando a questão em aberto (Freud, 1931/2018). Além disso, afirmou que todos reúnem características masculinas e femininas, de modo que, em psicanálise, feminilidade não coincide necessariamente com gênero (Freud, 1925/2018).

Não obstante, Freud observou um recalamento ainda mais precoce das moções ativas na menina (Freud, 1931/2018). Na fase oral, por exemplo, a criança vivencia a tensão entre a satisfação passiva de ser amamentada e a ação ativa de mamar, tomando a mãe como objeto. Dada a voracidade da libido infantil, esse impulso ativo transforma-se no desejo de devorar a mãe que, ao ser recalcado, converte-se na angústia e no medo de ser devorada. Trata-se da projeção de um impulso recalcado que retorna contra o eu da criança, fenômeno assinalado por Freud como característico da sexualidade feminina. Tal como descrito em *As pulsões e seus destinos* (1915/2015), quando uma pulsão dirigida ao exterior é recalcada, pode retornar invertida contra o sujeito, transformando-se em medo e angústia. É precisamente aí que reconhecemos uma contribuição de Freud para a compreensão da devastação feminina, tema a ser desenvolvido adiante.

Isto posto, podemos extrair até aqui duas conclusões: (1) O termo *Umsturz* designa uma verdadeira *guinada pulsional* que ocorre após o encontro com a castração, a partir da qual as pulsões passivas se tornariam predominantes na mulher. Em momento algum Freud se refere a essa guinada como catastrófica; pelo contrário, ele a entende como condição que torna possível a constituição feminina. (2) Os restos da relação mãe-filha que podem retornar posteriormente não se devem exatamente ao fato de que essa relação foi catastrófica, mas antes a uma exagerada fixação da mulher a sua pré-história masculina.

Para reforçar nosso argumento, propomo-nos agora analisar o termo alemão, oferecendo uma leitura complementar à da editora Autêntica.

A definição e o sentido de *Umsturz* – nossa contribuição

A palavra alemã *Umsturz*, utilizada por Freud no original *Über die weibliche Sexualität* (Freud, 1931/1952), foi traduzida de diferentes maneiras por várias editoras, refletindo a complexidade da tradução de textos psicanalíticos. A Autêntica (Freud, 1931/2018) optou por “reviravolta” (p. 303), enquanto a Imago (Freud, 1931/1996) preferiu “catástrofe” (p. 247), baseada na versão inglesa, que adotou o termo *catastrophe*. Na edição da Companhia das Letras (Freud, 1931/2010), a frase foi suprimida (p. 392), o que nos chamou a atenção, em razão da relevância do trecho. Por fim, a tradução em espanhol da Amorrortu (Freud, 1931/1992) usou “ímpetu subvirtiente” (p. 240-241), sugerindo que as moções passivas, se não subvertidas, favorecem a aproximação ao pai.

Ao consultar o dicionário Wahrig (Wahrig-Burfeind, 2011), nossa interpretação se torna mais precisa. A palavra *Umsturz* é um substantivo que designa uma mudança fundamental ou revolução, *especialmente relacionada à derrubada de um governo* (p. 1095). O verbo *umstürzen* tem conotações como derrubar, tombar ou reestruturar algo (Wahrig, 2011, p. 1095). Assim, no contexto de Freud, podemos entender *Umsturz* como uma *derrubada do governo pulsional vigente*. Nesse sentido, ao escaparem dessa derrubada operada pelo golpe da castração, as moções passivas servem como auxiliar na passagem ao pai.

Fizemos uma varredura na obra de Freud em alemão e encontramos seis ocorrências do termo *Umsturz* e 29 de *Katastrophe*. Isso indica que, em alemão, há um termo específico para “catástrofe”, utilizado por Freud para descrever tragédias pessoais (e.g., Freud & Breuer, 1895/1952), desastres naturais (e.g., Freud, 1907/1952), o fim do mundo na paranoia (e.g., Freud, 1911/1952), a grande guerra (e.g., Freud, 1941/1952), entre outros. Em nenhum desses casos Freud o aplica à relação entre mãe e filha.

Sugerimos, então, uma compreensão adicional à “reviravolta” proposta pela Autêntica. A palavra *Umsturz* também pode ser entendida como “revolução” ou “derrubada de governo”, o que nos permite reinterpretar a frase de Freud da seguinte forma: a passagem ao pai como objeto é auxiliada pelos anseios passivos, na medida em que eles escapam da derrubada pulsional produzida pela castração. Em outras palavras, se a incidência da castração consegue derrubar as pulsões ativas, mas deixa escapar as tendências passivas, estas contribuem para a orientação da menina em direção ao pai e à feminilidade.

Crítica à leitura da relação pré-edípica em Freud como “catástrofe”

A seguir, apresentaremos como trabalhos acadêmicos brasileiros interpretam a relação da menina com a mãe, ou sua separação, como uma “catástrofe”. Essa formulação decorre de um erro de tradução do texto de Freud, mas também de uma leitura teórico-clínica que vincula a relação mãe-filha e a castração a algo catastrófico. Embora Freud não utilize esse termo para descrever tal relação, diversos autores buscam conferir-lhe consistência conceitual, vinculando-a à “devastação feminina” em Lacan.

Os 17 trabalhos analisados estabelecem uma conexão direta entre a ideia de “catástrofe” atribuída a Freud e a noção de “devastação” em Lacan, sem justificativas claras (Barbosa, 2015; Barreto, 2021; Faria, 2021; Ferreira, 2015; Kehl, 2018; Ligeiro, 2010; Maia, 2010; Medeiros, 2021; Miranda, 2011; I. M. A. de Oliveira, 2013; M. P. de Oliveira, 2021; Passos, 2017; Pereira, 2009; Rabelais, 2012; Segal, 2013; Silva, 2019; Siqueira, 2018). Muitas autoras tratam os termos catástrofe e devastação como sinônimos, sem diferenciá-los ou justificar teoricamente: para Pereira (2009), “Lacan denominou de devastação o que Freud tinha nomeado como catástrofe ao referir-se aos efeitos da não separação entre mãe e filha” (p. 121); para Segal (2013), “a ligação entre mãe e filha com seus efeitos destrutivos [...] [foram] apontados por Freud como uma ‘catástrofe’ e, por Lacan, como uma ‘devastação’” (p. 14); para Silva (2019), “podemos encontrar uma proposta sobre a devastação já em Freud, sob outra rubrica [catástrofe]” (p. 179); para Medeiros (2021), “O que Freud chamou de catástrofe na relação mãe-filha, Lacan nomeou como devastação” (p. 104).

Os exemplos apresentados revelam dois problemas: a interpretação equivocada do texto de Freud, que não usou o termo catástrofe para descrever a relação mãe-filha, e a ausência de justificativa sobre como se concluiu que Lacan teria retomado esse termo de Freud. Os trabalhos associam a suposta catástrofe freudiana à devastação em Lacan, mas carecem de fundamentação teórica que justifique tal associação.

Além disso, identificamos três trabalhos cujas definições sobre a “catástrofe freudiana” são inconsistentes (Ferreira, 2015; Miranda, 2011; Pereira, 2009). Citaremos Pereira (2009), que apresenta três concepções distintas: (1) “Não conseguir passar da mãe ao pai, mantendo uma relação demasiado intensa com a mãe, pode levar a mulher a vivenciar um processo denominado por Freud de catástrofe” (p. 55); “Freud tinha nomeado como catástrofe ao referir-se aos efeitos da não separação entre mãe e filha” (p. 121); (2) “Alvarenga (2003) nos explica que a devastação para Freud – que ele chamou de catástrofe – é uma das

consequências da sexualidade feminina, derivada do *Penisneid*. O intenso ódio dirigido à mãe por ela não ter lhe dado um pênis é proporcional ao intenso amor anterior à decepção vivida pela menina” (p. 100-101); (3) “para Freud e Lacan, respectivamente, a mãe pode ser, para a maioria das mulheres, uma catástrofe ou uma devastação” (p. 120).

A autora reúne sob a mesma rubrica elementos de ordens distintas: a não separação mãe-filha, o ódio dirigido à mãe e a própria mãe. A princípio, parece contraditório considerar como catástrofe a não separação e o ódio simultaneamente, já que é a hostilidade contra a mãe que facilita a separação, protegendo a filha da dita catástrofe. Todavia, considerando a ambivalência amor-ódio, é possível supor que o ódio nem sempre leve à ruptura, podendo manter um laço intenso e catastrófico. Ainda assim, entendemos que condensar definições tão heterogêneas sob o termo “catástrofe” dilui seu alcance conceitual e produz uma formulação imprecisa.

Outros trabalhos extrapolam as formulações freudianas, fazendo inferências que consideramos indevidas (Barbosa, 2015; Barreto, 2021; Faria, 2021; Ligeiro, 2010; Medeiros, 2021; Passos, 2017; Segal, 2013). Segal, por exemplo, desenvolve um entendimento que relaciona a “catástrofe” da relação mãe-filha ao traumático e à pulsão de morte:

[...] na teoria freudiana, a utilização do termo *catástrofe* (*Umsturz*) para designar os efeitos destrutivos da relação da menina com a mãe só aparece no período pós-1920, quando a pulsão de morte já havia sido formalizada trazendo uma relação estreita com o traumático. O trauma fica colocado como um acontecimento em que o aparelho psíquico não tem condições de impedir sua inundação por grandes quantidades de energia psíquica, situação em que o princípio do prazer é ‘posto fora de ação’ [...]. Na situação traumática, o problema é que estas grandes quantidades de estímulos encontram-se desligadas das representações, soltas, à deriva, diante da impossibilidade de serem vinculadas no sentido psíquico [...]. (Segal, 2013, p. 66-67)

Aqui, a autora sugere que Freud teria usado o termo *Umsturz* para descrever os efeitos destrutivos do vínculo inicial entre menina e mãe. Embora reconheçamos que essa interpretação seja influenciada pela tradução da Imago, ela parece mais uma proposição autoral do que uma interpretação rigorosa do pensamento freudiano. A tentativa de associar a catástrofe/*Umsturz* à pulsão de

morte e ao trauma reflete uma inferência que só poderia se sustentar se aceitarmos que *Umsturz* signifique catástrofe e se refira ao vínculo com a mãe – e não à dinâmica pulsional, como argumentamos. Desse modo, a autora confere consistência a uma concepção que defendemos nunca ter sido formulada por Freud.

Dentre os 17 trabalhos analisados, quatro (Faria, 2021; Ferreira, 2015; Ligeiro, 2010; Segal, 2013) se destacam pela discussão das definições dos termos *Umsturz* e *catástrofe*. Chama a atenção que nesses, os próprios estudos apresentam dados que contradizem a tradução da Imago; entretanto, mantêm a ideia de uma catástrofe na relação mãe-filha, sem explorar as implicações das traduções que elas mesmas propõem. Ferreira (2015), por exemplo, sugere “eversão” como tradução mais adequada, mas continua a usar “catástrofe” ao longo de sua dissertação, sem discutir essa escolha.

Quanto à articulação entre *Umsturz* e a dinâmica pulsional no desenvolvimento feminino, apenas quatro trabalhos de nosso *corpus* abordam o tema. Embora reconheçam a dimensão pulsional no contexto, a associação da relação mãe-filha a uma catástrofe é mantida. Acreditamos que a tradução da Imago, ao converter *Umsturz* em catástrofe, adiciona um tom dramático que induz uma distorção da formulação original, pois Freud usa *Umsturz* para descrever um movimento pulsional, sem conotação catastrófica. Passos (2017), ao afirmar que “as tendências passivas que escaparam ao desapontamento serão a mola propulsora para a transição ao objeto paterno” (p. 67-68), parafraseia corretamente Freud, substituindo “catástrofe” por “desapontamento”. Contudo, embora acerte ao destacar o papel crucial das tendências passivas na transição para o pai, ela persiste na interpretação de uma catástrofe na relação mãe-filha, distanciando-se novamente de Freud.

Por fim, observamos que alguns dos trabalhos analisados apresentam formulações muito próximas às interpretações de Marie-Hélène Brousse (2004), sem deixar isso evidente (Barreto, 2021; Kehl, 2018; Passos, 2017; Pereira, 2009; Rabelais, 2012; Silva, 2019). Embora Brousse desenvolva uma leitura original dos textos freudianos, algumas de suas ideias têm sido disseminadas de forma que podem gerar confusão, parecendo formulações autoevidentes ou diretamente atribuídas a Freud. Um exemplo é sua leitura que “para Freud, a devastação está estritamente correlacionada ao destino do falo na menina” (Brousse, 2004, p. 59), replicada sem verificação ou crítica, por vezes como definidora da suposta “catástrofe” em Freud.

Voracidade da libido infantil: possível antecedente da devastação feminina

Conforme já argumentamos, Freud não chega a se referir à relação mãe-filha como catástrofe, mas admite que o resto não revisado desse laço pode acompanhar a mulher ao longo da vida. Essa ruína que restou pode de fato ter sido o germe a partir do qual Lacan avançou, ao formular, muito mais tarde, a noção de devastação.

Em *Sobre a sexualidade feminina* (1931), Freud observa que, dado o caráter tortuoso e frequentemente incompleto do desenvolvimento feminino, permanecem ruínas pré-edípicas que podem resultar em diferentes destinos, mais ou menos patológicos. A título de exemplo, a dependência materna poderia tanto estar associada à etiologia da histeria quanto atuar como o germe da paranoia e do medo de ser devorada.

O vínculo pré-edípico, como dissemos, caracteriza-se por sua grande intensidade libidinal. Freud descreve o amor infantil como “desmedido, exige exclusividade e não se satisfaz com parcialidades” (Freud, 1931/2018, p. 293). Ele observa que, por sua voracidade insaciável, a decepção é inevitável, favorecendo a separação com a mãe.

Mas, se a voracidade libidinal é uma característica comum a meninas e meninos, por que as meninas correriam maior risco de ficarem aderidas a ela? Novamente isso se deve às diferentes consequências psíquicas da castração. Como o feminino é um ponto de lacuna simbólica, o laço amoroso (seja com o pai, seja com outras parcerias posteriores) não resolve a interrogação sobre o ser feminino, de tal modo que a mulher fica na iminência de regredir ao laço amoroso com a mãe e retomar sua posição de voracidade, que afinal de contas é uma posição ativa.

Identificamos aqui um embrião freudiano para o entendimento de devastação feminina, conforme aludido por Lacan. Em *O aturdito* (1972/2003), ele a relaciona à expectativa da menina de que a mãe lhe dê mais substância para seu ser mulher, enquanto no *Seminário 23* (1975-1976/2007) considera que um homem pode ser para ela uma “aflição pior que um sintoma”, uma devastação (p. 98). Jacques-Alain Miller (2015) argumenta que “a devastação é a outra face do amor, é o retorno da demanda de amor” (p. 99). Nesse sentido, entendemos que a voracidade da relação inicial com a mãe pode se repetir em relações amorosas nas quais a demanda insaciável de amor, em última instância, pode retornar como devastação. Para nós, esse é o fundamento freudiano do “retorno devastador da demanda infinita de amor” discutido por Miller, no qual

a força devoradora da libido infantil volta-se contra o sujeito, manifestando-se como uma angústia devastadora.

Embora Freud não formule essa ideia explicitamente, entendemos que ele oferece suporte para compreender que, nas relações amorosas, uma mulher pode regredir a uma fixação pré-edípica e se ver como objeto de um Outro primordial anterior à castração. A regressão a essa relação com o Outro não barrado confere uma dimensão devastadora à experiência amorosa, pois, nesse estágio, ainda não há simbolização da falta. Isso leva o sujeito a uma dinâmica imaginária, na qual alterna entre devorar o Outro ou ser devorado por ele, buscando completude.

A cambalhota libidinal e a devastação como retorno à passividade primordial

Embora nenhuma criança seja poupada de perdas, como a retirada do seio materno e a separação exigida do conteúdo intestinal, a castração fálica ressignifica essas experiências (Freud, 1924/2018). Para a menina, a castração promove uma cambalhota libidinal, afastando-a da mãe, a quem responsabiliza por sua condição de mulher-castrada, e direcionando-a ao pai.

Nesse processo, ocorre a reviravolta pulsional: no início, a menina se rebela contra a passividade primordial, mediante as moções ativas, que possibilitam um primeiro afastamento da onipotência materna. Com a castração, porém, essas moções ativas declinam, e as moções passivas – escapando da derrubada/*Umsturz* – se elevam e a auxiliam na aproximação ao pai, marcando sua entrada no trilho da feminilidade. Num desdobramento simbólico, a inveja do pênis transformar-se-ia no desejo por um filho, concepção que reflete as limitações impostas pela sociedade da época às realizações fálicas possíveis para as mulheres (Kehl, 2016).

Julieta Jerusalinsky (2014) expande essa ideia em diálogo com Gérard Pommier (1985), o qual propõe que a menina, ao se voltar para o pai, retoma uma “feminização original”, isto é, faz um retorno à passividade inicial do bebê. Jerusalinsky, porém, argumenta que não se trata de um mero retorno, mas de uma retomada transformada pelo falicismo. Trata-se de uma trajetória em três tempos: passividade-atividade-passividade, que envolve uma “volta a mais” na constituição da feminilidade, com uma retomada da passividade, mas sob os efeitos da atividade.

Avançando largamente o debate, Jerusalinsky diferencia o *gozo do Outro* – primordial e não barrado pela castração – e o *gozo Outro*, propriamente feminino. Enquanto o primeiro envolve uma posição sacrificial, na qual o sujeito se

oferece ao Outro como objeto, o gozo feminino emerge de uma montagem pós-castração, que incorpora o limite fálico e vai além. Esse gozo feminino, mesmo implicando uma retomada da passividade, não pressupõe sacrifício do sujeito: enquanto um gozo opera aquém do Édipo, o outro se coloca para além do Édipo.

Nessa perspectiva, podemos considerar que a feminilidade exige a separação da mãe primordial, a passagem pelo falicismo e castração, para daí ocorrer uma retomada transformada da passividade. Em contraste, podemos entender que a devastação feminina reflete uma regressão ao estado pré-edípico, em que o Outro não foi simbolicamente castrado. Nessa situação, o Outro aparece como devorador e caprichoso, evocado pela voracidade libidinal não moderada pela castração, que retorna contra o eu, causando sofrimento profundo e aterrador, no qual a mulher assume uma posição sacrificial, semelhante à da fase oral descrita por Freud.

Freud considera as primeiras experiências de passividade cruciais para o desenvolvimento da feminilidade, pois é desde o lugar de quem recebe algo do Outro que a conduta feminina se constitui. Ele reconhece, contudo, que a fase fálica masculina é parte genuína desse processo, já que a feminilidade só é uma possibilidade após o falicismo, a castração e o Édipo. Na fase fálica, a diferença sexual organiza-se em torno das categorias fálico/castrado e não masculino/feminino. Somente após a latência, a feminilidade emerge como possibilidade, ligada à preferência por metas passivas, que, no entanto, exigem grande atividade para serem sustentadas. A posição feminina, assim, implica atravessar o falicismo e ir além dele, como Lacan desenvolve no *Seminário 20* (1972-1973/2008). Ao examinarmos Freud atentamente, já vislumbramos o embrião desse entendimento.

Em nossa leitura, ao contrário do que sustentam alguns pesquisadores brasileiros, Freud não descreve a relação entre mãe e filha como catastrófica, mas sim como um vínculo fundamental para o desenvolvimento da feminilidade. Embora essa estrutura inicial precise ser abandonada para dar lugar a uma nova construção, ela permanece exercendo um papel crucial ao servir de base para a edificação e o exercício da feminilidade futura. Contudo, consideramos que são as regressões a esse tempo primordial, anterior à simbolização da falta, marcada pela dinâmica de voracidade, que podem, de fato, produzir efeitos devastadores.

Considerações finais

A partir das análises realizadas, observamos que, enquanto diversas pesquisas interpretam a relação entre mãe e filha como uma “catástrofe”, nosso estudo

indica que o termo alemão *Umsturz*, utilizado por Freud, contém um sentido mais próximo de “reviravolta” – tradução adotada pela editora Autêntica, e que difere substancialmente da conotação trágica de “catástrofe”, escolhida pela Imago.

É importante destacar que, no texto de 1931, *Umsturz* não se refere diretamente à relação mãe-filha, mas sim às moções pulsionais. As moções passivas, ao escaparem da reviravolta/derrubada produzida pelo golpe da castração, *auxiliam* a constituição feminina. Assim, entendemos que essa tradução problemática induziu uma interpretação equivocada, divergente do que Freud propôs sobre a relação mãe-filha e o desenvolvimento feminino.

Consideramos que a leitura que propomos encontra amparo nas formulações de Julieta Jerusalinsky (2014), que concebe a feminilidade como resultado de uma volta a mais ou de uma retomada transformada da passividade inicial. Nesse processo, a menina passa por uma cambalhota libidinal, na qual atravessa o falicismo e retoma a preferência por satisfações de meta passiva, característica da posição feminina para Freud. Como observado por Serge André (1998), a menina inicialmente rejeita sua posição de passividade para se separar da mãe primordial e afirmar-se como sujeito, sendo em sua relação com o pai, após o complexo de castração, que ela volta a usufruir da passividade, mas desde outra posição.

Consideramos que o vínculo primordial com a mãe, embora complexo e ambivalente, não representa necessariamente uma catástrofe para a menina. Em vez disso, entendemos que são as fixações e regressões ao período inicial – marcado pela ausência de simbolização da falta e pela voracidade da libido infantil – que podem gerar um sofrimento devastador. Como apontado por Freud, o retorno dessa voracidade contra o eu é uma característica da sexualidade feminina, e produz grande angústia. Esta perspectiva se alinha à de Jacques-Alain Miller (2015), para quem a demanda infinita de amor retorna ao sujeito feminino como devastação.

A retomada rigorosa dos fundamentos freudianos foi essencial para reavaliar interpretações atuais e revelar um problema significativo de tradução e interpretação. Nossa investigação, embora preliminar, abre caminho para uma leitura alternativa sobre os impasses da feminilidade. Consideramos crucial aprofundar o debate sobre o repúdio ao feminino, que obscurece a compreensão desse tema central. Questionamos se a interpretação corrente, além de se distanciar da precisão freudiana, também perpetua concepções que rechaçam o feminino, associando-o a um estrago ilimitado e inevitável. Esses desvios comprometem a compreensão das bases freudianas da devastação feminina. Nesse sentido, acreditamos que apenas um tratamento cuidadoso dessas questões permitirá uma visão mais rigorosa e precisa do tema.

Referências

- Alvarenga, E. (2003). Devastação na psicose. *Clique: Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano*, 2, 45-49.
- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* (trad. D. D. Estrada). Zahar.
- Barbosa, L. R. (2015). *Relações devastadas: Mãe e filha; homem e mulher* [dissertação de mestrado]. Universidade Veiga de Almeida (UVA). https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?id_trabalho=3006976
- Barreto, L. B. (2021). *Mulheres em parcerias amorosas violentas: Um estudo psicanalítico* [dissertação de mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?id_trabalho=11518160
- Brousse, M.-H. (2004). Uma dificuldade na análise de mulheres: A devastação na relação com a mãe. *Ornicar?*, 1, 57-67.
- Faria, E. V. (2021). *Devastação: Um estudo lacaniano sobre a relação mãe e filha* [dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). <https://hdl.handle.net/1843/39610>
- Ferreira, A. E. P. (2015). *A devastação materna e suas repercussões nas parcerias amorosas* [dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). <https://hdl.handle.net/1843/BUOS-AQHQRf>
- Freud, S. (1907/1952). *Der Wahn und die Träume in W. Jensens 'Gradiva'*. Imago Publishing.
- Freud, S. (1908/2018). Sobre teorias sexuais infantis (trad. M. R. S. Moraes). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*, p. 95-116. Autêntica.
- Freud, S. (1911/1952). *Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides)*. Imago Publishing.
- Freud, S. (1915/2015). As pulsões e seus destinos (trad. P. H. Tavares). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: As pulsões e seus destinos*, p. 77-110. Autêntica.
- Freud, S. (1918/2018). O tabu da virgindade (trad. M. R. S. Moraes). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*, p. 155-178. Autêntica.
- Freud, S. (1923/2018). Organização genital infantil (trad. M. R. S. Moraes). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*, p. 237-246. Autêntica.
- Freud, S. (1924/2018). O declínio do complexo de Édipo (trad. M. R. S. Moraes). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*, p. 247-258. Autêntica.
- Freud, S. (1925/2018). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (trad. M. R. S. Moraes). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*, p. 259-276. Autêntica.
- Freud, S. (1931/1952). *Über die weibliche Sexualität*. Imago Publishing.

- Freud, S. (1931/1992). La sexualidad femenina (trad. J. L. Etcheverry). In: *Obras completas de Sigmund Freud*, p. 223-244. Amorrotu.
- Freud, S. (1931/1996). Sobre a sexualidade feminina (trad. J. Salomão). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, p. 241-258. Imago.
- Freud, S. (1931/2010). Sobre a sexualidade feminina (trad. P. C. Souza). In: *Obras completas*, p. 371-398. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1931/2018). Sobre a sexualidade feminina (trad. M. R. S. Moraes). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*, p. 285-312. Autêntica.
- Freud, S. (1933/2018). A feminilidade (trad. M. R. S. Moraes). In: *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*, p. 313-348. Autêntica.
- Freud, S. (1941/1952). *Psychoanalyse und Telepathie*. Imago Publishing.
- Freud, S.; Breuer, J. (1895/1952). *Studien über Hysterie*. Imago Publishing.
- Iannini, G.; Tavares, P. H. (Eds.) (2018). Sobre amor, sexualidade, feminilidade. In: S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade*. Autêntica.
- Jerusalinsky, J. (2014). *A criação da criança: Brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Ágalma.
- Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino*. Boitempo.
- Kehl, M. S. (2018). *(As)pirações femininas: Sobre a literatura de Stefan Zweig e as incidências do gozo no amor* [dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.34250>
- Lacan, J. (1955-1956/1988). *O seminário, livro 3: As psicoses* (Ed. & trad. A. Menezes). Zahar.
- Lacan, J. (1958/1998). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In: *Escritos* (trad. V. Ribeiro), p. 749-775. Zahar.
- Lacan, J. (1972/2003). O aturdido. In: *Outros escritos* (trad. V. Ribeiro), p. 448-497. Zahar.
- Lacan, J. (1972-1973/2008). *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (Ed. & trad. M. D. Magno). Zahar.
- Lacan, J. (1975-1976/2007). *O seminário, livro 23: O sinthoma* (trad. S. Laia). Zahar.
- Ligeiro, V. M. (2010). *Viver o amor como o desespero: A angústia e a mulher* [dissertação de mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/14591>
- Maia, M. A. M. (2010). *Obscenidade do abandono: A devastação feminina em Marilene Felinto* [dissertação de mestrado]. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). <https://repositorio.uepb.edu.br/handle/123456789/73084>
- Medeiros, L. R. (2021). *Devastação: Um impasse na transmissão do desejo* [dissertação de mestrado]. Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). <https://repositorio.ufsj.edu.br/handle/123456789/608>
- Miller, J.-A. (2015). *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. Zahar.
- Miranda, E. R. (2011). *O gozo no feminino* [tese de doutorado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/14545>

- Nogueira, G. C. (2024). *Catástrofe ou reviravolta pulsional? Uma análise crítica da tradução e interpretação do termo Umsturz em Freud* [dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). <https://hdl.handle.net/1884/95075>
- Oliveira, I. M. A. (2013). *Pontos obscuros da retina: Feminino em loucuras passionais* [tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15276>
- Oliveira, M. P. (2021). *Violência contra as mulheres: Reflexões sob o viés da psicanálise de Freud e Lacan* [tese de doutorado]. Universidade de São Paulo (USP). <https://doi.org/10.11606/T.47.2021.tde-12072021-183356>
- Passos, C. F. (2017). *Amor feminino: Do desamparo à devastação* [dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.4>
- Pereira, Z. U. (2009). *O que é uma mãe para uma mulher? Efeitos subjetivos exercidos pela figura materna na constituição da feminilidade da filha* [dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). <https://bib.pucminas.br/acervo/391254>
- Pommier, G. (1985). *A exceção feminina: Os impasses do gozo*. Zahar.
- Rabelais, G. W. (2012). *A devastação na relação mãe e filha como efeito do gozo feminino* [dissertação de mestrado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.29070>
- Segal, I. F. (2013). *Sobre o gozo na clínica psicanalítica com mulheres devastadas* [dissertação de mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/14613>
- Silva, T. L. (2019). *Ato e feminino: O que nos ensinam Madeleine Gide e Medeia?* [tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). <https://bib.pucminas.br/acervo/520605>
- Siqueira, A. F. (2018). *A devastação e a clínica da toxicomania* [dissertação de mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/14700>
- Wahrig-Burfeind, R. (2011). *Wahrig – Dicionário semibilingue para brasileiros: Alemão* (trad. K. Jannini, R. C. Machado). WMF Martins Fontes.

Disponibilidade de dados

Este estudo não analisou nem gerou quaisquer conjuntos de dados, devido à sua natureza teórica.

Contribuição de cada autora para o artigo

Giovanna Cercasin e Nogueira: Conceituação do estudo; levantamento, análise e interpretação de dados bibliográficos; redação do manuscrito.

Rosane Zétola Lustoza: Supervisão; edição e revisão do manuscrito.

Agradecimentos e apoio

Este artigo se baseia na dissertação de mestrado da primeira autora (Nogueira, 2024), sob a orientação da segunda autora.

Não se declararam fontes de financiamento.

Conflitos de interesses

As autoras atestam que o artigo não apresenta potencial conflito de interesses.

Editor de seção

Eduardo Medeiros.

Editora-chefe

Jaqueline de Carvalho Rodrigues.

Recebido: 18 de novembro de 2024

Aceito: 27 de janeiro de 2026